



**Um olhar fenomenológico
sobre a imaginação a partir do brincar.**

Fernando Satoshi Ogushi

**Trabalho realizado sob a orientação da Profa.
Dra. Soraia Chung Saura, em exigência parcial,
para a obtenção do certificado de especialista,
como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato
Sensu “A vez e a voz das crianças: a arte de
escutar e conhecer narrativas, linguagens e
culturas infantis**

Ano
2021

Sumário

Resumo.....	3
Agradecimentos.....	4
Memorial.....	6
Introdução.....	11
Objetivos.....	15
Metodologia.....	15
Desenvolvimento.....	20
1. Animando pequenos seres.....	20
2. Notas sobre a imagem material.....	23
3. Cabanas e casinhas.....	27
4. Imprimir-se no espaço.....	29
Considerações finais.....	32
Bibliografia.....	34
Anexo 1.....	35
Anexo 2.....	38
Anexo 3.....	39
Anexo 4.....	42
Anexo 5.....	43

Resumo

Esta monografia consiste em um trabalho de conclusão do curso lato sensu, A vez e a voz das crianças, que forma especialistas em escutas antropológicas e poéticas da infância.

O presente estudo é resultado de um processo de sensibilização para a escuta e observação de crianças. Proporcionado por aulas e o compartilhamento de experiências de profissionais atuantes e referências na atuação junto às infâncias que culminou num processo de pesquisa de campo que acompanha esta monografia.

A combinação sensível entre a reconstrução de trechos de nossa própria infância associada às referências teóricas e práticas de diversos profissionais serviram como balizadores da experiência em cinco trabalhos de campo.

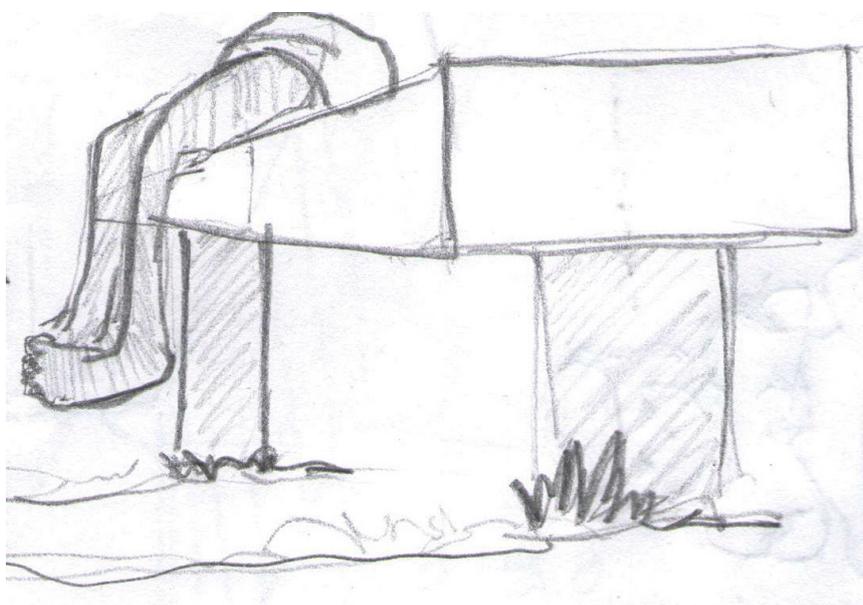
Em que a observação e a reflexão sobre o brincar das crianças se deu a partir de conceitos da antropologia e da fenomenologia.

Para este estudo foram consultados textos teóricos da antropologia, da fenomenologia, da imaginação e do desenho em autores consagrados com; Adriana Friedmann, André Dartigues, Edith Derdyk, Gaston Bachelard, Gilbert Duran, Soraia Chung Saura e Vygotsky.

O trabalho de campo, uma das etapas dessa pesquisa, foi registrado em anotações, desenhos, fotografias e vídeo e tratam principalmente sobre o livre brincar e os aspectos da imaginação presenciados durante a conquista da autonomia, na animação de pequenos seres, na materialidade dos meios e no desenvolvimento do grafismo infantil.

Palavras chaves

A vez e a voz das crianças . Brincar livre . Imaginação . Materialidade . Garatujas



Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe Sonia e meu pai Satoro, em memória, assim como aos meus irmãos e aos meus antepassados pela Vida.

A minha esposa Ana Carolina Ferreira Rosa pelo apoio, companheirismo em todos os momentos e por gestar de forma tão amorosa e cuidadosa a nossa filha.

A minha orientadora Professora Doutora Soraia Chung Saura por sua presença e orientação atenciosa na leitura da pesquisa e suas considerações sempre oportunas e esclarecedoras.

As professoras Adriana Friedmann e Josca Baroukh pela dedicação inspiradora às Infâncias, o compartilhamento de saberes e a condução primorosa do curso da pós-graduação A vez e a Voz das Crianças, mesmo diante de circunstâncias tão adversas como as do ano de 2020.

A Ângela Castelo Branco e ao Giuliano Tierno, em nome da Casa Tombada, pela estrutura material e humana que nos possibilitou às aulas, o acolhimento aos alunos, professores e funcionários neste projeto de educação tão bonito quanto inspirador.

Aos professores e professoras convidados (as) que tanto contribuíram ao compartilharem suas experiências tão ricas sobre as culturas das infâncias.

As colegas de sala de aula, pela partilha de conhecimentos, experiências de vida e momentos de profunda entrega as experiências vividas e às emoções que brotaram a cada encontro, em especial a Regina Fusco pelo sorriso generoso e sobretudo pela amizade que iniciamos a partir desse curso.

Um agradecimento especial a Helena Rios Segnini por compartilhar suas impressões da primeira turma do curso, por me incentivar a fazê-lo e dar condições para cursá-lo.

A Anne Binder, Bárbara Slim, Bianca Parizi, Bruna Paiva, Cláudia Saviolo, Cecília Franco, Everton Miranda, Felipe Pasqua, Isabela Motta, Laís Bin Rosini, Letícia Malavolta, Nathalia Triveloni, Natasha Goulard e a Vanessa de Oliveira pela companhia nessa jornada, pela amizade, histórias, vivências e partilhas em torno do Universo das infâncias.

Ao André Bevilacqua e a Renata Chican pela amizade, por me receberem em sua casa, lugar de memórias tão marcantes e especiais e pela confiança de poder acompanhar, observar e fazer registros do desenvolvimento do amado Benjamim.

A Bruna Mutarelli e a Lilia Standerski, e a todas as educadoras que compõem A Casa Ubá, meus agradecimentos pelo cuidado e doçura no convívio com as crianças além da oportunidade que me deram de me aproximar com segurança das crianças que frequentam a casa neste momento delicado de isolamento e distanciamento social.

Ao Sesc SP e ao Sesc Avenida Paulista por me proporcionarem recursos e segurança para que pudesse exercer esse ofício tão especial e também contribuírem para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

E por fim agradeço a todas as crianças com quem convivi, observei e/ou que fazem parte do meu cotidiano meu eterno agradecimento por me mostrarem os encantos do mundo renovados por seus olhares.

Meada

Uma trança desfaz-se:
calmamente as mãos
soltam os fios
inutilizam
o amorosamente tramado.

Uma trança desfaz-se:
as mãos buscam o fundo
da rede inesgotável
anulando a trama
e a forma.

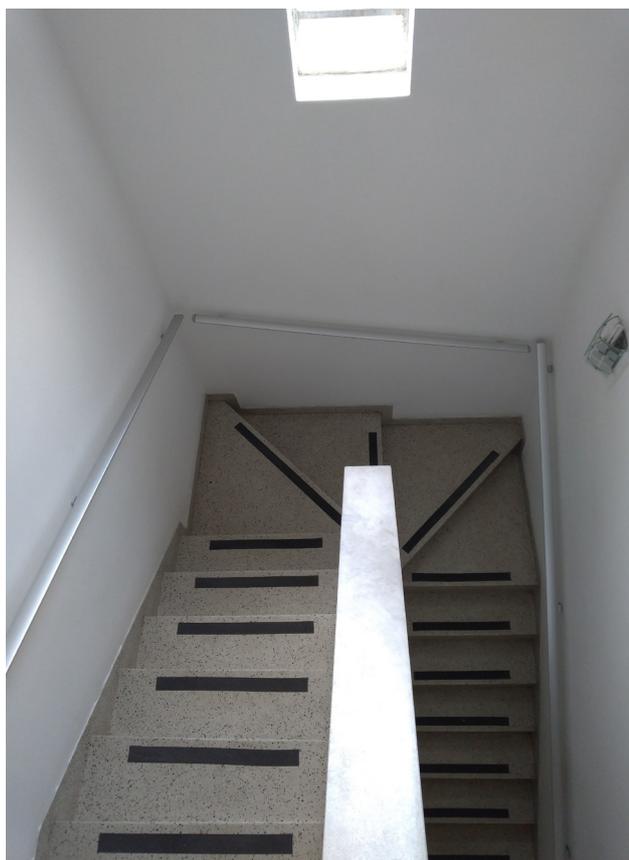
Uma trança desfaz-se:
as mãos buscam o fim
do tempo e o início
de si mesmas, antes
da trama criada.

As mãos
destroem, procurando-se
antes da trança e da memória.

Orides Fontela
Poesia Reunida [1969-1996]

Memorial

Uma das lembranças mais vívidas que tenho da minha infância foi de uma aventura quando embarquei em uma jangada de madeira, levando comigo um fardo com poucos mantimentos, durante uma navegação num leito de rio manso.



Lembro que em pouco tempo aquela calma se tornou um turbilhão de emoções, pois as águas claras que a princípio pareciam tranquilas, logo se tornariam agitadas e turbulentas e aquelas pedras salientes escondiam redemoinhos perigosos. O declive acentuado e as curvas daquela corredeira rápida, quase me lançaram para fora daquela frágil embarcação, que estava prestes a se destroçar por conta da força daquelas águas contra a solidez gelada daquelas pedras.

A escada de degraus de granilite branco que um dia foram a corredeira em que me lancei é ainda essencialmente a mesma na casa onde vivi com minha mãe e meus dois irmãos. No entanto, a lembrança da brincadeira vivida naquele lugar demonstra um pouco a criança imaginativa e solitária que fui.

ó janela surda ao exterior, ó portas fechadas com cuidado, práticas vindas de tempos antigos, transmitidas, verificadas, nunca inteiramente compreendidas. O silêncio no vão da escada, silêncio nos quartos vizinhos, silêncio lá em cima, no teto. Ó mãe, ó tu que és única, que te colocaste diante de todo este silêncio, no tempo em que eu era criança”.

(BACHELARD, 1978 p.347)

Perdas

Acho que o sentimento de solidão na infância despertou quando aos nove anos meu pai faleceu e sem saber como lidar com aqueles sentimentos, eu, meus irmãos e minha mãe nos silenciá- mos, cada um ao seu modo, a fim de talvez, elaborar aquele luto.

A infância na década de 80 e início da de 90 foi , portanto, marcada por dificuldades financeiras e pela morte precoce do meu pai. Estes dois fatos, conciliados, tiveram um efeito desagregador em nosso núcleo familiar.

Tenho a impressão de uma infância marcada por esses sentimentos, de perda e insegurança que podem ter influenciado uma adolescência melancólica e questionadora.

O desempenho escolar sofrível também foi um indício de que algo motivador faltava em mim e na escola onde estudava. Ou talvez no método das aulas.

Fato é que era mais interessante observar a vida ensolarada que se passava do lado de fora da sala de aula, ao invés de me atentar ao conteúdo que os professores transmitiam em aulas, que se alternavam de forma consecutiva.

E todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indelévels. E é o ser precisamente que não quer apagá-los. Ele sabe por instinto que os espaços da sua solidão são constitutivos. Mesmo quando esses espaços estão para sempre riscados do presente, estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais nenhum sótão, mesmo quando a água furtada desapareceu, ficará para sempre o fato de termos amado um sótão, de termos vivido numa água-furtada. Voltamos a esses lugares nos sonhos noturnos. E esses redu- tos têm valor de concha.

(BACHELARD,1978 p.203)

Adolescência

Reavaliando meu período de infância e adolescência, creio que tive o privilégio de boas condi- ções materiais, acesso à educação, cultura e lazer.

Por outro lado, ao observar este período de forma crítica, acredito que assim como outras inumeráveis crianças e jovens também tive esses períodos de desenvolvimento abreviados pela adultização, seja pela necessidade em ajudar financeiramente minha família e/ou pelas respon- sabilidades atribuídas aquela criança e adolescente que um dia eu fui.

O sentimento de melancolia da juventude foi atenuado quando comecei a andar de skate, pois era a possibilidade de ir para rua, para casa de amigos. Foi quando comecei a me sentir partici- pante de um grupo.

Era como uma tribo, com uma linguagem, modo de se vestir, de se comportar, de lugares para estar, com novas referências que me atualizavam e diminuía a sensação de vazio e solidão.

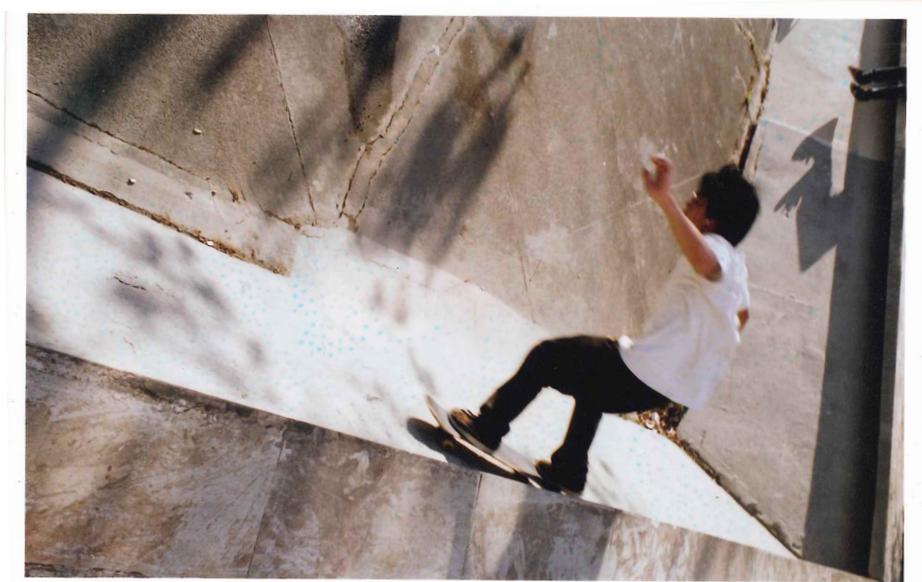
A sensação de flunar meu corpo no espaço, sobre o shape, aquela pequena superfície de madei- ra, em que o equilíbrio necessário para se manter em movimento deveria ser contínuo e dinâmi-

co me proporcionava um estado de fluxo.

Estimulado ainda mais pela música que provinha dos fones de ouvido, ao passear sobre as superfícies que se alternavam na mesma medida e velocidade que imprimia a cada remada, posso descrever como estado de presença e plenitude.

Gumbrecht explica que a dimensão da presença é uma questão para análise, como um dos paradigmas basilares da Metafísica; isso ocorre pelo ato mesmo da sua configuração analítica, isto é, de se colocar espacialmente distante do objeto, de uma empatia sem tangência, muito mais interpretativa e hermenêutica, por meio, sobretudo, da apoderação de sentidos, visto que prioriza menos a dimensão empírica.

(AMÂNCIO, 2017, p. 51)



(foto andando de skate na praça Roosevelt)

Quando adulto

Pensando sobre essa sensação, percebo que vivenciei algo parecido em outros momentos isolados durante a graduação em artes, quando nos ateliês de gravura, pintura, cerâmica ou na escuridão dos laboratórios de revelação de fotografias o envolvimento com o fazer era tamanho que não se percebia a passagem do tempo.

Outra sensação semelhante, ainda na graduação, quando reunido com meus e minhas camaradas no barracão do Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, ao som das ladainhas, dos berimbau, pandeiros, reco-reco e agogô, o jogo e a brincadeira de Angola era um ritual que nos reconduz o corpo e a mente para aquele momento presente ao mesmo tempo que nos remetia a uma prática ancestral.

Esse conjunto de diferentes experiências têm em comum a fruição de sensações extremamente significativas, proporcionadas pelo livre brincar, pelo ócio, pelo exercício da imaginação e pela ludicidade que em muitos momentos da minha vida, ou foram interrompidos ou preteridos por

outras atividades que julguei prioritárias.

Vivi em muitos momentos essa sensação de interrupção, entre experimentar atividades livres e desinteressadas de objetividade, concomitante à busca por trabalhos que pudessem suprir outras necessidades de subsistência.

A esse respeito Gaston Bachelard, comenta sobre a importância do supérfluo frente ao necessário:

Foi na alegria e não na dor que o homem encontrou o seu espírito. A conquista do supérfluo dá uma excitação espiritual mais do que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação do necessário.

(BACHELARD, 2008, p. 39)

Entre o trabalho, o brincar e a educação

Em um desses momentos de busca por equilibrar esta equação entre interesses e necessidades, participei no ano de 2013 de um processo seletivo para instrutor de atividades infanto-juvenis. Foi quando ingressei no Sesc São Paulo em 2015 e passei a atuar como educador do Programa Curumim na unidade do Sesc Interlagos.

O programa Curumim possui mais de trinta anos de história e atende crianças de 7 a 12 anos de idade. Tem como princípios norteadores a educação não formal, a formação integral, o livre brincar, a horizontalidade nas relações, a valorização das expressões e das culturas das infâncias. A partir do ingresso nesta instituição e ao trabalhar neste programa, consegui vivenciar uma nova relação com o tempo do trabalho e o tempo do brincar, pois foi possível proporcionar a mim e às crianças com as quais convivi, a valorização desse importante espaço e tempo para gestar momentos de liberdade, brincadeira e contemplação.

Em 2018, depois de trabalhar durante 3 anos no Sesc Interlagos no programa Curumim, participei de um processo de transferência para uma outra unidade, a do Sesc Avenida Paulista. Esta unidade tinha acabado de passar por um processo de reforma que durou muitos anos e foi por onde comecei a me envolver com as práticas educativas voltadas para a primeira infância.

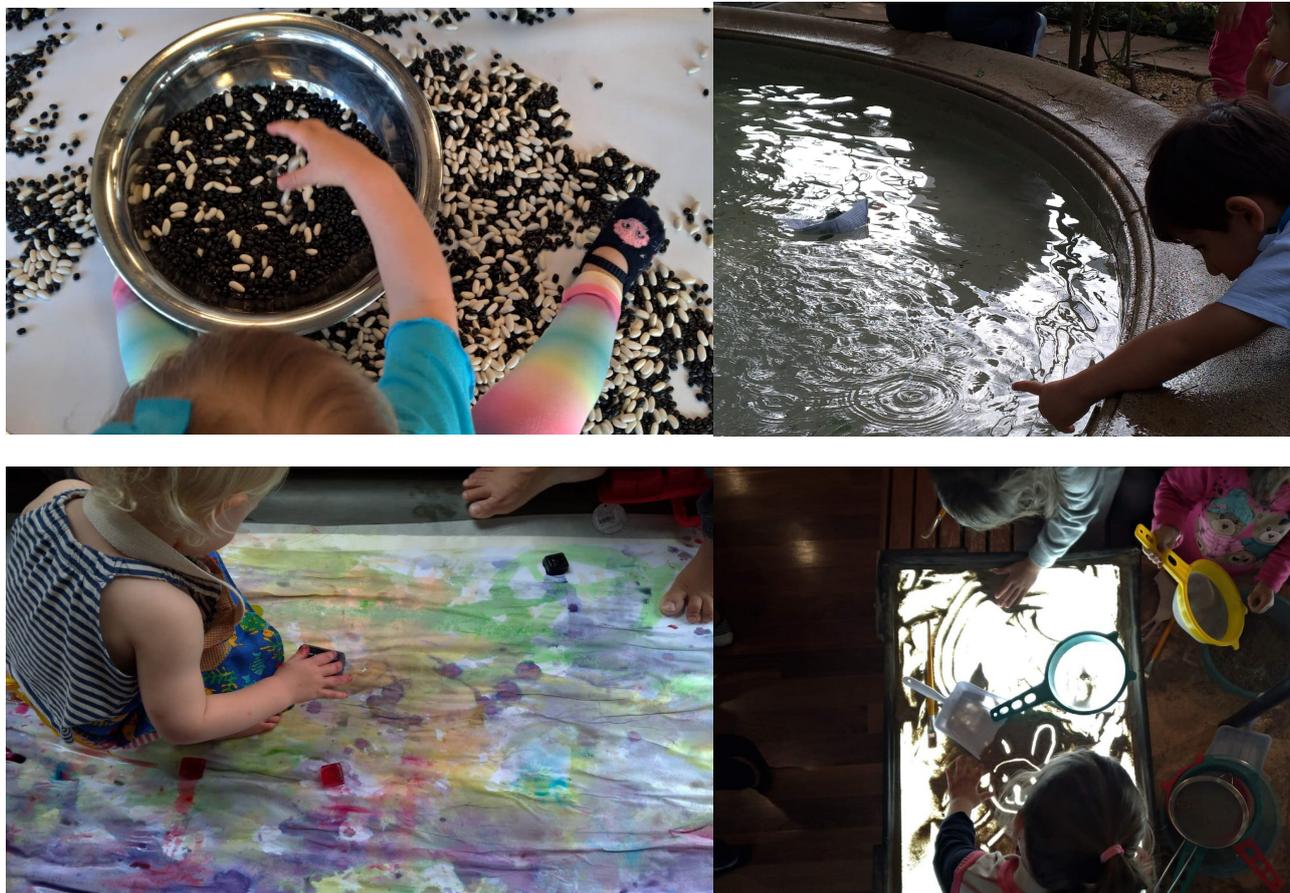
Crianças de 2 a 7 anos de idade, aproximadamente, acompanhados de seus adultos responsáveis, como mães, pais, avós e cuidadores. Esse era o público que costumava atender no Andar Crianças, terceiro andar do Sesc Avenida Paulista, que acolheu bebês e crianças até o início da pandemia.

Além da faixa etária, outras diferenças entre essas duas unidades impactaram minha atuação. Destaco as condições de estrutura espacial, sendo o Sesc Interlagos uma unidade campestre com uma ampla área verde, bosques, viveiros, lagos, e que está às margens da represa Guarapiranga no extremo sul da cidade de São Paulo.

Enquanto a unidade do Sesc Avenida Paulista, um prédio comercial reformado numa das avenidas mais movimentadas do país, tem o seu terceiro andar de uso quase que exclusivo para as crianças de 0 a 12 anos, sendo o piso de madeira, com ar condicionado, mobiliário e diversos brinquedos de madeira confeccionados com exclusividade para aquele espaço.

A nova estrutura arquitetônica nos dois primeiros anos de atividade no prédio me conduziram a

propostas de atividades que propunham uma interiorização do brincar para atividades relacionadas a construção de casinhas, experimentação tátil com grãos diversos, tintas congeladas e naturais, assim como outras propostas que propunham extrapolar os limites da unidade propondo relações com a vizinhança do prédio.



Em meio a essa adequação entre programas e unidades de trabalho, em 2019 senti a necessidade de um aprofundamento e sistematização da pesquisa relacionada às infâncias. Naquele momento me pareceu oportuno iniciar um curso de especialização na área da educação. Assim ingresso nesta pós graduação.

No decorrer do curso fui me conscientizando sobre a tessitura desta narrativa pessoal em relação às ricas experiências compartilhadas pelas colegas, professores e professoras que foram dando urdidura a essa trama.

A ponto de ao final do curso, nos possibilitar irmos a campo sensibilizados pelo respeito e consideração à criança que fomos para um encontro com outras infâncias, a fim de observar, anotar e desenhar.

Objetivando, na medida do possível, traduzir essas experiências na forma de texto e imagens reproduzidas aqui nesta pesquisa.

Assim, redijo essa tentativa de alinhar aquela primeira imagem, resgatada da própria memória da criança que fui durante o percurso de um rio, a outras imagens possíveis de serem captadas no fluir de outras infâncias durante o brincar.

Introdução

A ideia da pesquisa teve início a partir do interesse em observar crianças da faixa etária da primeira infância, já que seria um público com o qual trabalhava nos últimos dois anos e que poderia observar no meu local de trabalho.

A observação - qualidade do olhar - sentido este que já havia sido assunto de estudos prévios durante a graduação em artes visuais, era uma forma de relacionar algum conhecimento, mesmo que inicial, de textos sobre a fenomenologia da percepção aplicados ao fenômeno do brincar. Aos poucos, fui percebendo que a qualidade de observar também está presente em outros campos além da arte, e aqui, especificamente, no diálogo com a Educação.

Observar é essencial por inumeráveis motivos, cito aqui dois deles que me parecem mais relevantes nesse contexto. É importante para as crianças terem autonomia de decidir o que querem fazer com a proteção da presença de um adulto que lhes garante que se for preciso um limite externo será dado, sendo livres para explorar brincadeiras de forma criativa com sentimento de segurança. É também relevante a presença desse educador como testemunha que legitima aquelas cenas/vivências fortalecendo o valor da experiência. Observar não é um ato passivo e nem isento de ponto de vista, ao estar presente nas situações o educador tece seus pontos de vista a partir de sua percepção que é também singular. Se as cenas criadas pelas crianças ao brincar são tomadas como uma espécie de dramaturgia, a mesma “dirige-se a um receptor, de quem exige que a complete”

(FLUSSER, 2010, p.63-64).

Ao longo do curso de pós-graduação nos foram apresentadas muitas referências, uma delas na aula da professora Soraia, sobre a fenomenologia na observação do brincar das crianças.

Em sua exposição, a professora nos apresentou exemplos recolhidos em trabalhos de campo em escolas, em uma aldeia indígena e de crianças de diversas regiões do país junto ao coletivo Território do Brincar.

Esses exemplos me ajudaram a definir um dos aspectos da pesquisa, o olhar fenomenológico aplicado à observação de crianças durante o seu brincar.

Outro aspecto norteador do trabalho foi a especificidade da atuação do antropólogo que, durante seu trabalho de observação de campo, se aproxima do assunto a ser investigado com o cuidado de não interferir em sua dinâmica, a fim de compreender este fenômeno em sua essencialidade.

Diferentemente da atuação do educador ou do professor em que somos mais atuantes no processo de troca e aprendizado com o aluno ou a criança, o professor antropólogo coloca-se em campo menos como sujeito propositor e mais como promotor e investigador. (SAURA, 2015;

FRIEDMANN, 2015). Esse aspecto de distanciamento e não intervenção foi muito importante para uma reflexão sobre minha prática cotidiana ao respeitar os silêncios das crianças, confiar em sua autonomia e na não intervenção em processos investigativos conduzidos por elas.

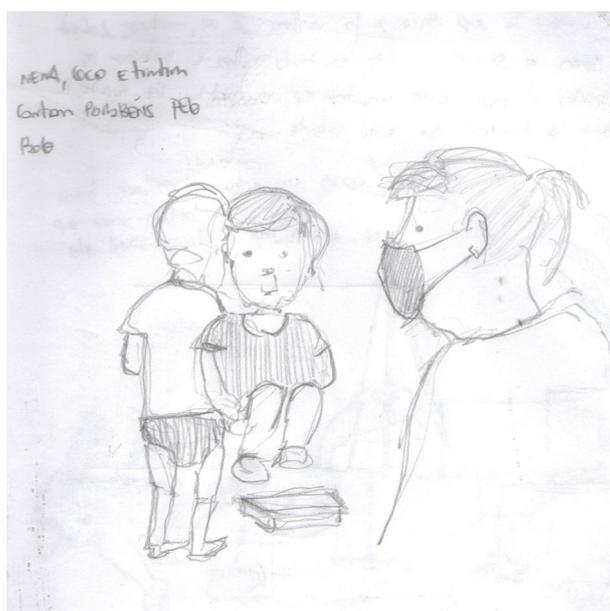
Para que essas brechas sejam possíveis, como professores-educadores não podemos temer abrir as janelas da autonomia, da liberdade de tempos sem relógio e de espaços cujas paredes sejam construídas pelos “tijolos da fantasia e da imaginação infantil”, a fim de que as crianças vivam plena e significativamente suas infâncias.

(FRIEDMANN, 2015. p. 44)

A presença como um estado de atenção para observar e se conectar a criança durante seu processo de investigação, foi outro aspecto ressaltado durante as aulas do professor Wellington Nogueira, que em sua atuação como palhaço do grupo Doutores da Alegria, nos contou sobre seu método para interagir com uma criança desconhecida em que costumava fazer uma breve e profunda respiração, momento fundamental, para se concentrar e esvaziar-se para estabelecer a nova relação.

A pesquisa efetivamente não seguiu um roteiro linear e pré-determinado ao longo do seu processo, pois muitas referências inspiradoras nos foram apresentadas, assim como imprevistos e percalços aconteceram no caminho.

Um dos maiores problemas enfrentados, em termos gerais, foi a pandemia por Covid-19, que teve início aproximadamente em março de 2020 e que se estende até o momento da redação deste texto.



(desenho com educadora com a máscara)

Entre as consequências diretas e imediatas deste problema podemos apontar a morte de centenas de milhares de brasileiros, o colapso do sistema de saúde, o distanciamento e isolamento social e a consequente suspensão de aulas e o fechamento de escolas.

A esse respeito e no que tange a infância, assistimos o confinamento de crianças no interior de seus lares, o distanciamento dos amigos e amigas, o uso intensivo de telas e o aumento da violência doméstica. (Agência Brasil, 2020.)

As consequências da pandemia ainda não são totalmente mensuráveis, sobretudo nos aspectos subjetivos, pois estamos em pleno curso da pandemia e ao que indicam os índices de óbitos, no momento mais grave. Porém, é consenso que o impacto na saúde mental de toda população, o agravamento das desigualdades sociais e econômicas é notável. (ONU, 2020) Em contraponto, em meio a tantos dificultores, vemos surgir iniciativas comunitárias de cuidado e muitas formas de resistência. (ZIMMERMANN e SAURA, 2020. p. 1-10.).

Neste contexto, os trabalhos de observação de campo também tiveram que ser readequados para que pudessem ser realizados levando em consideração o momento atual e os cuidados necessários para serem feitos sendo possíveis somente pela compreensão e consentimento de mães, pais e responsáveis pelas crianças.

Levando em consideração o acima exposto, este trabalho é composto por 6 partes. Inicialmente, consideramos necessário e salutar a minha apresentação em forma de um memorial circunscrito, para localizar leitores e leitoras nos atravessamentos que essa investigação possui com minha própria trajetória. Em seguida apresento aqui os objetivos e em seguida, as formas e meios para cumprir com a meta estabelecida, qual seja, a metodologia.

O desenvolvimento da pesquisa de campo fez surgir 4 temáticas principais para diálogo com a literatura e um aprofundamento: animando seres, a materialidade da imaginação, casinhas e cabanas e por fim, imprimir-se no espaço. Estes foram alguns dos recortes selecionados dentre muitos outros fenômenos observados dentro da pluralidade de brincadeiras das crianças observadas. Ao fim, as considerações finais, onde as reflexões iniciadas neste processo de pesquisa apontam para questões a serem aprofundadas em leituras e pesquisas futuras.

Espera-se assim inspirar outros trabalhos que apresentem a observação fenomenológica como forma de transposição de imagens e percepções individuais, para um imaginário social mais amplo, campo da prática educativa.

V

Escrever nem uma coisa
Nem outra -
A fim de dizer todas
ou, pelo menos, nenhuma.

Manoel de Barros

O Guardador de águas. P. 72. Meu quintal é maior que o mundo.



(Desenho com as frases da educadora grávida do dinossauro)

Objetivos

Objetivou-se nesta pesquisa observar e registrar em notas, desenhos de observação, fotografias e vídeo, crianças de idade entre 1 e 6 anos no seu momento de livre brincar, buscando identificar algumas recorrências e colocá-las em diálogo com o referencial teórico da área.

Metodologia

Esta pesquisa é composta por cinco trabalhos de campo que foram realizados entre os meses de outubro e dezembro de 2020.

Em cada um desses campos - que tiveram duração de aproximadamente uma hora - foram registrados momentos de livre brincar por meio de anotações, fotografias, desenhos e vídeo.

Nesses momentos houve interações das crianças com adultos; a mãe/pai, tias, educadoras; com outras crianças e também em algumas ocasiões, foi possível observá-las brincando sozinhas.

A seleção dos momentos desses registros obedeceram a imponderabilidade, uma vez que eu dependia da dinâmica das famílias, da escola e da disponibilidade das crianças.

O local dessas observações se deu na cidade de São Paulo, na região Oeste. Em ambos os casos, o espaço que abrigou essas observações foram casas, no espaço interno. Mas em duas ocasiões as observações ocorreram na área externa. Também em quintais, em outras três ocasiões. Em duas oportunidades as observações aconteceram em um espaço de educação não formal com diversas crianças.

Os critérios iniciais de escolha das crianças observadas foram a pouca ou mesmo nenhuma proximidade anterior a elas, a fim de garantir certa isenção na observação. Também como critério, foi estabelecido o limite de idade inferior a 5 anos.

No entanto, em função das condições do isolamento social em meio a pandemia por covid-19 foram necessários ajustes nesses critérios, pois muitas escolas estavam fechadas. As pessoas que puderam, se mantiveram em distanciamento social e a precaução pelo contágio do vírus impediram um maior contato, circulação e tentativas de outras observações de campo.

Uma das crianças observadas se chama Benjamim¹ e durante o período da pesquisa ele possuía aproximadamente um ano e seis meses.

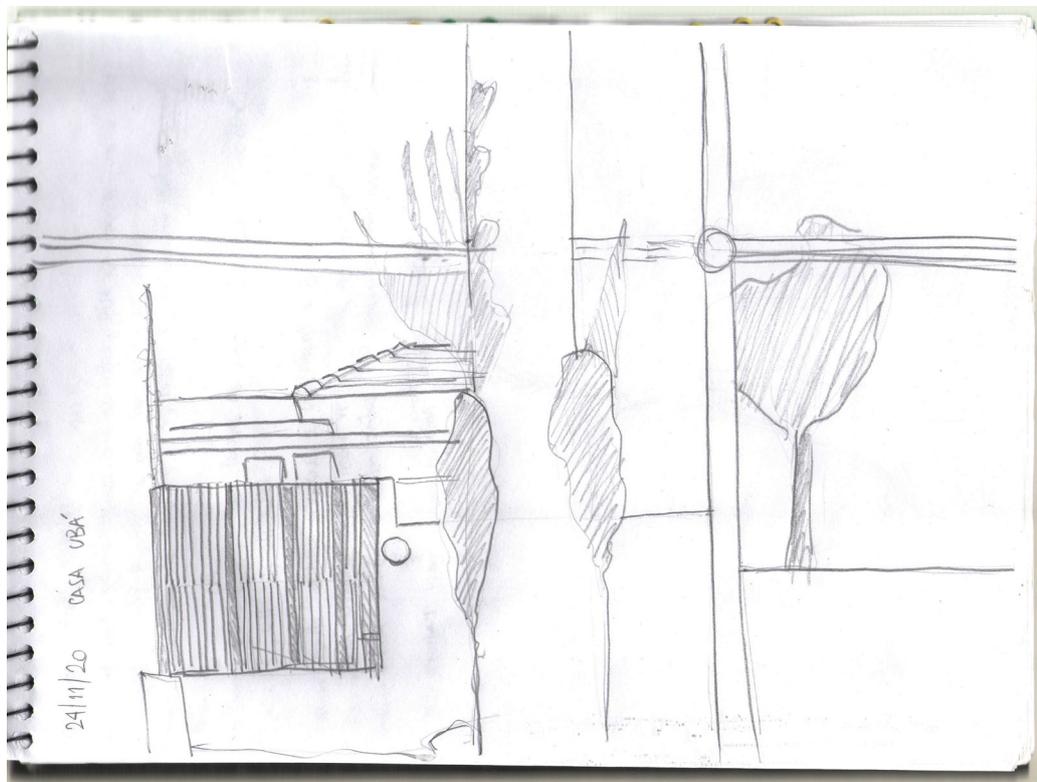
Apesar de conhecê-lo - por ser filho de um casal de amigos muito próximo - a confiança em nossa relação foi determinante para que eu pudesse observá-lo em sua casa para registrar esses momentos de brincadeira e convívio.

As outras crianças, Marcelo, Rodrigo, Juan, Gabriel, Santiago, Sabrina e Tião foram observadas na área externa da Casa Ubá², em duas ocasiões distintas na mesma semana,

¹ Para fins de anonimato, os nomes das crianças foram alteradas(os).

² A Casa Ubá é um espaço que atende grupos de crianças para que elas possam expressar-se, aprender a se relacionar e experienciar a vida com tempo e cuidado.
<https://www.casauba.com.br/sobre>

neste caso não havia um prévio conhecimento sobre elas e todas eram menores de sete anos. Em todas as observações de campo, alguns procedimentos de segurança foram tomados como o uso de máscara, distanciamento, higienização das mãos, retirada dos calçados. E na casa Casa Ubá foi aferida a temperatura na entrada.



(desenho da fachada da Casa Ubá)

Uma das primeiras dúvidas que tive da pesquisa foi sobre a natureza subjetiva do trabalho. A princípio me estranhava a ideia de um viés científico e universal para um trabalho com essas características.

No entanto, numa das aulas do curso, a professora Doutora Luiza Christov nos apresentou um texto que ajudou a compreensão sobre outras possibilidades de escrita acadêmica aplicadas à pesquisa.

Em "O ensaio e a Escrita Acadêmica", de autoria de Jorge Larrosa, se apresenta uma reflexão sobre o ensaio:

"...ensaio, gênero híbrido ancorado num tempo e espaço claramente subjetivo e que parece opor-se, ponto a ponto, às regras de pureza e de objetividade que imperam na academia."

(LARROSA, 2003, p.1)

Nesse sentido, inspirado pelo texto e também por conceitos da fenomenologia, em que o sujeito e o objeto de investigação estão relacionados, assumi a impossibilidade de neutralidade na observação desses momentos e procurei descrever e qualificar meu percurso de sensibilização enquanto pesquisador para o exercício de campo. Um pesquisador que mesmo que não queira, sempre está em relação.

Ainda sobre a fenomenologia e a experiência individual, foi explanado por Saura e Zimmermann (2018) que a perspectiva em primeira pessoa na pesquisa pode transcender as particularidades individuais em busca de um conhecimento de maior abrangência, que se insere na natureza humana da existência.

“...parte da abordagem fenomenológica. Esta busca ontológica intenta investigar subjetividades. Isso pressupõe considerar a perspectiva da primeira pessoa, sempre, daquela que vive a experiência. Mas - e isso é importante - a coleta deste material rico e humano, apresenta-se não apenas como componentes individuais ou particulares. Busca-se a pessoa universal, o que nesta perspectiva se repete como possíveis traços de nossa existência.”

(SAURA, ZIMMERMANN. 2018).

Durante a observação de campo, além dos cuidados em relação à segurança sanitária, outras preocupações foram experimentadas, como por exemplo, em termos de fidelidade ao que se observava, a cronometragem do tempo de cada movimento, a tentativa frustrada de representação fidedigna da realidade pelos desenhos de observação que se perdiam em traços confusos frente a uma realidade dinâmica e de difícil apreensão em sua totalidade.

Outro questionamento que ocorreu durante a pesquisa de campo foi a da interferência ou não em relação às brincadeiras e dinâmicas que ocorriam durante a observação das crianças. Lembro de ter tentado passar despercebido por elas no quintal onde estavam, como um “fotógrafo” à espreita de um instante decisivo, o que verificou-se não ser tão factível.

“Algumas vezes acontece de o fotógrafo paralisar, atrasar, esperar para que a cena aconteça. Outras vezes, há a intuição de que todos os elementos da foto estão lá, exceto por um pequeno detalhe. Mas que detalhe? Talvez alguém repentinamente entrando no enquadramento do visor. O fotógrafo, então, acompanha seu movimento através da câmara. Espera, espera e espera, até que finalmente aperta o botão - e então sai com a sensação de que captou algo (embora não saiba exatamente o quê).”

(BRESSON, 1952.)

Esse cuidado tinha como fundamento a ideia de não intervenção e ocorreu na primeira visita à Casa Ubá. Lembro de inclusive ter saído deste dia sem me despedir das crianças, assim como das educadoras, o que me causou certo incômodo e estranhamento que acredito que possa ter ocorrido com as crianças, que durante a observação me perguntavam:

- O que você está fazendo?

A resposta geralmente era que eu estava observando e desenhando e logo elas retornavam a brincadeira em que estavam ou partiam para outra atividade.

No segundo dia da visita à Casa iniciei os trabalhos começando por cumprimentar as crianças e educadoras, assim como na saída, onde me despedi e agradei a oportunidade da visita, o que me trouxe um maior conforto.

Outros aspectos de grande diferença nos trabalhos de campo foram em relação ao controle do tempo, a descrição dos movimentos das crianças e também à quantidade de crianças a serem observadas.

Se no primeiro trabalho de campo a marcação do tempo com a respectiva atividade - que era feita pelo Benjamim - era uma forma de controle do que era possível ser considerado, com o passar do tempo e das sessões, esse controle foi sendo relativizado, passando a ser priorizada a atividade em si, o movimento ou brincadeira que julguei mais significativa ou que denota seu maior potencial para relações que gostaria de tecer com o imaginário social mais amplo.

Quanto a quantidade de crianças, sem dúvida ao observar somente uma criança e principalmente, quando ela brincava sozinha ou em relação a uma outra pessoa, a possibilidade de registro por anotações ou desenho era maior do que quando a observação aconteceu com um grupo maior de crianças brincando e correndo simultaneamente e em um espaço maior.

A esse respeito pensei sobre os desafios em realizar uma documentação pedagógica em espaços educativos. Como seria estar ao mesmo tempo em duas funções distintas como educador atento e presente com uma certa quantidade de crianças e também como fotógrafo em busca desses instantes repletos de significados?

Quando essas circunstâncias ocorreram na Casa Ubá, a decisão ou critério para selecionar algum grupo ou crianças foi a proximidade em que eu estava delas, a imersão ou envolvimento em que elas estavam na brincadeira ou a permanência em que elas desenvolviam determinada atividade.

Apêndice:

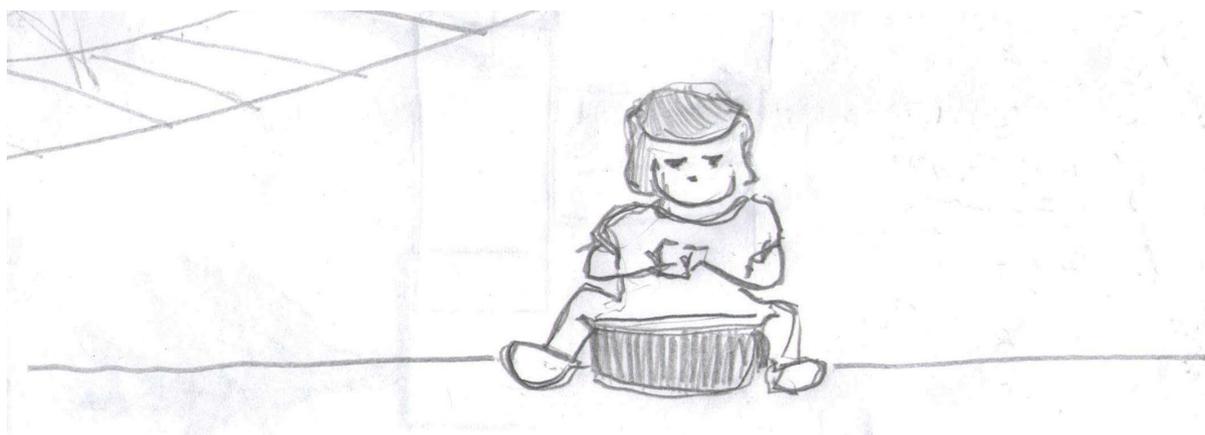
Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros

Coisa é uma pessoa que termina como sílaba

O chão é um ensino.

Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos.

BARROS, M. Arranjos para assobio p. 52.



Desenho da criança com uma bacia.

Desenvolvimento

Nos campos observados, dou destaque à relação das crianças com objetos do cotidiano que as circundam, dando-lhes vida, atribuindo-lhes significados outros.

Muitos momentos de brincar aconteceram no transcorrer desses estudos de campo. Porém, a fim de aprofundar e relacionar o observado com a literatura, selecionei quatro temas com os quais pretendo estabelecer essas relações.

São eles:

- 1) Animando pequenos seres
- 2) Notas sobre a imaginação material
- 3) Cabanas e casinhas
- 4) Imprimir-se no espaço

1) Animando pequenos seres

Na primeira observação de campo que participei, pude presenciar algo trivial para a maioria de nós humanos, o momento da alimentação.

Cheguei a casa dos meus amigos André e Renata, logo após o almoço, para observar alguns momentos do pequeno Benjamim, que chamarei nesta pesquisa por Timtim.



Neste momento, o pai André, acabara de bater no liquidificador um pouco de sorvete com mamão que ofereceu ao seu filho, que estava sentado na ponta da mesa.

A sua frente um pequeno urso de pelúcia, Sidney, também estava posicionado ao lado do seu prato, Timtim o chama de "Nê", e em alguns momentos deste dia ele foi como um personagem coadjuvante durante a observação de campo.

A relação de companheirismo entre os dois era algo notável a ponto de, no momento da sobremesa, a cada colher do sorvete que Timtim se servia, a próxima era destinada ao Ne.



Esta ação de Timtim alimentar seu “amigo” oferecendo-lhe um pouco de sorvete demonstra algo interessante e que se repetiria ao longo da observação; a animação de um objeto pelo qual demonstra cuidado e afeto.

Talvez a imitação dos gestos aprendidos com os adultos nas sucessivas vezes que se sucederam sejam o motivo daquela reprodução com o urso de estimação.

Esta relação de cuidado não cessou ao término da refeição e quando Timtim desceu de seu cadeirão, não esqueceu de levar seu companheiro, indo até o sofá da sala, cômodo conjunto a cozinha, onde aconteceria uma nova atividade; um momento de leitura.

No sofá estava o pai, Timtim sentou-se ao seu lado colocando do outro lado, o Ne. Seguiram-se a leitura de três livros de forma consecutiva, que foram observados atenciosamente pela criança em companhia de seu amigo de pelúcia.

Em determinado momento, o pai dormiu e assim como Sidney que estava na posição deitada no sofá, Timtim pegou um dos seus panos/fraldinha e cobriu Ne, como se o colocasse para “nanar” em companhia do pai que pegara no sono.

Essa atenção e cuidado dispensada com “Ne” me pareceu peculiar e dividi essa impressão com a mãe, Renata que é psicóloga, que comentou algo sobre a função de Sidney como um objeto transicional, teoria que viria a pesquisar posteriormente em virtude do comentário.

Concebida por Donald Woods Winnicott, pediatra e psicanalista inglês (1896-1971), o urso Ne, seria um objeto transicional, ou seja um objeto que auxiliasse a criança a enfrentar a separação

dos cuidados da mãe, pai, ou cuidador(a):

Uma grande contribuição do autor refere-se ao conceito dos objetos transicionais e fenômenos transicionais que surgem na superação do estágio de dependência absoluta em direção à dependência relativa, ... Ele se coloca na zona intermediária, na separação entre a mãe e o bebê, ajudando a tolerar a angústia de separação e ausência materna.

"[...] biografias: Donald Woods Winnicott." (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE). <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/donald-woods-winnicott/>)

Ainda durante a observação, acompanhei a alternância de atividades de Timtim, em uma delas o controle remoto dos aparelhos da sala foram utilizados como telefones.

Timtim e a mãe estabeleceram uma conversa imaginária em que falavam com a avó e outras pessoas e a partir dessa brincadeira atualizavam-se sobre os últimos acontecimentos do dia.

Sendo que Timtim em seu processo de desenvolvimento da linguagem oral, pronunciava apenas algumas sílabas dessa conversa.



Ao refletir sobre essa observação de campo, percebo que a associação de atitudes diversas como: alimentar a si próprio com uma colher, alimentar o urso de estimação, trazê-lo ao sofá, cobri-lo enquanto dormia e se comunicar a distância com a própria mãe com o uso dos aparelhos. A observação me sugeriu um processo progressivo de conquista de autonomia e reprodução de cuidados para com as outras pessoas ao seu redor a partir da representação por meio de objetos animados e do brincar.

Um outro momento de interação direta entre as crianças observadas e certos objetos aconteceu durante a observação de campo número 3, na Casa Ubá, em que pude experienciar a escuta e a observação de diversas brincadeiras e conversas que ocorreram entre as crianças e as educadoras.

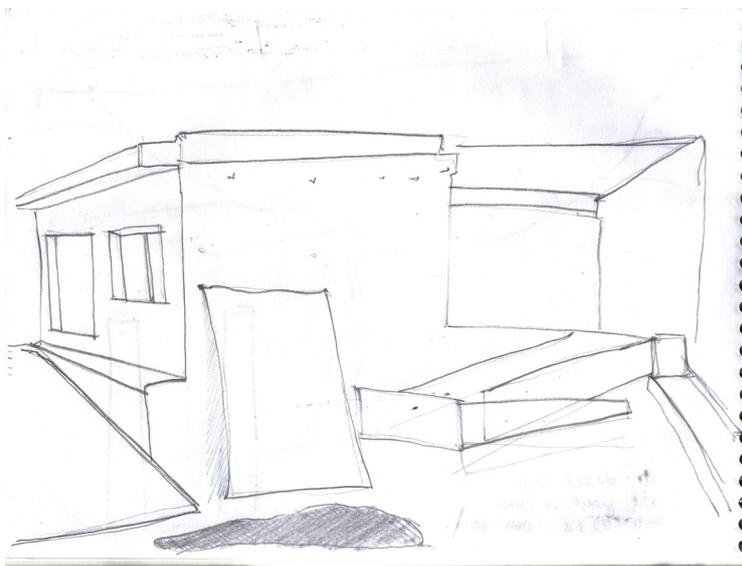
Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material.

(BACHELARD, 1998, p.1)

2) Notas sobre a imaginação material

Um elemento adicional observado, relacionado ao brincar que não estava presente nos dois primeiros momentos de observação de campo foi a relação com ambiente externo e suas materialidades.

Nas duas ocasiões em que estive na Casa Ubá, foram dias ensolarados e quentes, estávamos na área externa da casa, um quintal bastante extenso com áreas com grama, declives, árvores, plantas, um tanque de areia e em um dos dias uma área com lama.



Neste tanque de areia pude presenciar três momentos em que as crianças, durante suas falas e brincadeiras evocavam a vida dos animais, no caso dinossauros, de forma muito vívida em que fantasia e realidade se misturavam.

Em uma das situações as crianças brincando e conversando com a educadora, diziam que ela parecia estar grávida de um dinossauro e parecia estar doente, assim aplicaram uma injeção em seu braço para que melhorasse.

No outro caso, uma menina de aproximadamente 2 anos de idade, chamada Sabrina, Sasá, como é chamada na Casa, estava sentada no tanque de areia e em sua companhia uma outra educado-

ra.

Nesse momento, Sasá tinha em uma das mãos um copo e na outra vestia uma marionete de dinossauro. Com uma das mãos segurava o copo, servia o dinossauro que bebia, e em outros momentos preparava a comida dele, que comia e bebia alternadamente. Em determinado momento, Sasá comenta com a educadora:

- Ele (o dinossauro) bebe muito e também faz muito xixi.



Ainda no tanque de areia que fica embaixo da sombra de uma árvore, Juan acompanhado de Gabriel, Sasá e outra educadora utilizavam um caixote de madeira e uma bacia de metal, onde dentro dela brincavam de cozinhar aranhas, baratas, bico de tucano, casco de cavalo, entre outras iguarias.

Na brincadeira a educadora parecia interpretar uma bruxa, ela havia sido convidada para entrar naquela casa imaginária onde eles estavam e Juan brincava de enganar a convidada alternando os ingredientes da sopa que ora agradam ao paladar da convidada ora causavam repulsa, ele se divertia dizendo que às vezes era verdade outras que era mentira.

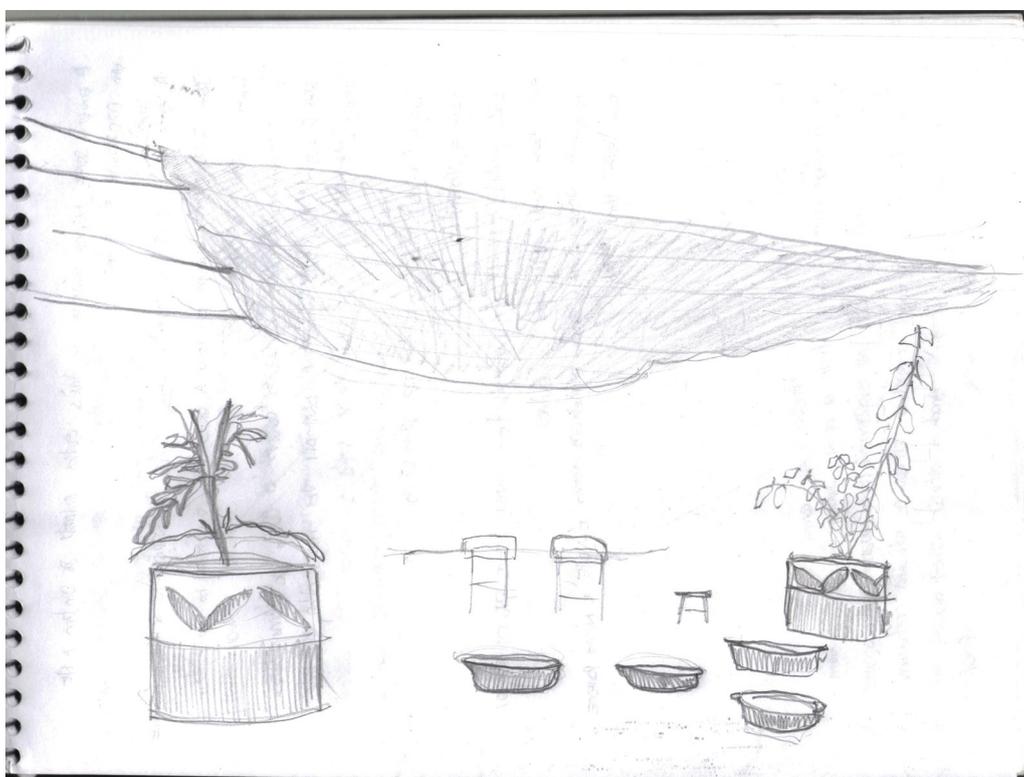
Uma outra materialidade observada durante o brincar das crianças foi a lama, em um dos dias em que o calor era convidativo para ficar à vontade, apenas de fraldas, biquínis e shorts para brincar com a água.

Neste dia, quando cheguei a casa, ao me aproximar da área do quintal já havia um sinal de que fora utilizada a mangueira e numa área com pouca grama já havia algumas poças e um pequeno enlameado.

Próximo a esse local algumas bacias com água estavam dispostas no chão, quando dois meninos se aproximaram, um deles estava carregando a onça o outro um gorila, eles brincavam sobre a lama, conduziam os animais perto do chão colocando a boca dos animais junto a terra para que eles comessem, depois levavam eles até as bacias para lavá-los e assim, os arremessavam violentamente contra a água para que depois, recomeçassem a brincadeira.

A água é realmente o elemento transitório.
É a metamorfose ontológica que encontra o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água.
A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal.

(BACHELARD, 1998, p.7)



(bacias dispostas no chão)

A combinação dos animais e a lama, parece ter despertado algum aspecto selvagem ou de pouco controle, e associado aos animais silvestres e ancestrais, parecem ter incendiado imaginários. Sobre essa condição em que a materialidade da areia e da lama, contribui para externalizar necessidades das mais intrínsecas dos seres vivos como: gestar, nutrir e urinar, Gaston Bachelard explica a relação íntima entre o desejo e a matéria:

Talvez se compreendesse melhor a ação dessa libido se lhe devolvêssemos sua forma confusa e geral, se a ligássemos a todas as funções orgânicas. A libido surgiria então como solidária com todos os desejos, todas as necessidades. Seria considerada como uma dinâmica do apetite e encontraria seu apaziguamento em todas as impressões de bem estar. Uma coisa é certa, em todo caso: o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas.

(BACHELARD, 1998, p.8)

Num momento seguinte, as duas crianças se juntaram a uma terceira. A onça manipulada por Marcelo (3 anos), começou a subir numa árvore junto com outros dois animais que se juntaram a ele, o dinossauro do Rodrigo (4 anos) e o gorila do Santiago (3 anos). A onça saltava sobre as muretas da casa, pulava com astúcia entre os galhos de uma das árvores da frente da casa... até que a educadora orientou que lam tivesse cuidado pois uma outra árvore próxima a ele era frágil.

É necessário um acurado estudo de equilíbrio e de possibilidades para suspender-se em um tronco. Muito da relação peso e leveza. Quanto fardo determinados suportes aguentam? As mãos e pés tateiam rugosidades, reentrâncias, galhos e possibilidades. Agarram-se na herança desta habilidade primitiva. Testam. Os dedos dos pés moldam-se às pequenas concavidades e encaixes. Buscam os pontos de encontro dos galhos, onde a árvore é mais firme. Sentindo estabilidade, realizam a propulsão. Sobem. Reminiscências de nossos antepassados? Por que tanto as árvores encantam as crianças? Porque de súbito tornam-se tão compenetradas, inteiras e totais no exercício de inteiração com a árvore? Para Bachelard, "é preciso, pelo menos uma vez na vida, ter amado uma árvore majestosa. Ter sentido agir o seu conselho de solidez"¹⁷ (p. 56). Crianças em árvores. Que sorte das árvores e das crianças!

(SAURA, ECKSCHMIDT, ZIMMERMAN, 2019, p. 11)

lam passou a subir numa mureta e levava a onça até a máxima altura que ele podia alcançar para logo depois lançá-la do alto até o encontro ao chão.

Os animais conversavam entre si e pareciam disputar qual deles subia mais alto, qual tinha mais força, cada um buscando se sobressair em força, destreza e qualidades.

Em determinado momento, ao colocá-los no chão, sobre a terra, a luz do sol que incidia sobre os brinquedos projetou suas sombras na terra batida.

Nesse momento a educadora comentou sobre o efeito que a sombra gerava nos corpos dos animais e as crianças pararam, giraram os brinquedos e observaram, talvez se dando conta da real dimensão daquele objeto que até aquele momento parecia indissociável deles próprios e depois

voltaram à disputa de qual dos animais teria a maior idade, o maior poder e assim continuaram a brincadeira.

a verdadeira imaginação é energia a trabalhar. Imaginar é fazer e trabalhar paradoxos e antíteses. A ambivalência caracteriza o verdadeiro valor das imagens. Buscando, encontramos as ambivalências da imagem, as ambivalências imaginárias e a tentativa de equilíbrio de um ser, de uma cultura, de uma sociedade. Claro e escuro, patriarcal e matriarcal, ascensão e queda... Qualquer drama instaura a problemática dos opostos (Durand, 2001; Saura, 2008), e é neste sentido que “a imaginação traduz e canta o drama do universo.” (Dagognet, 1965).

(SAURA, ZIMMERMANN. 2018. p.119)

3) Cabanas e casinhas

Um segundo tema que despertou meu interesse nas observações de campo foram as brincadeiras de casinhas ou dentro de cabanas.

No processo de escolha dos temas que seriam analisados ao me deparar com o referencial teórico de Gaston Bachelard em seu livro *Poéticas do Espaço* (1978), percebi que algo sensível me atravessava sobre o espaço da casa e que se impuseram de forma inevitável.

Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise. Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo.

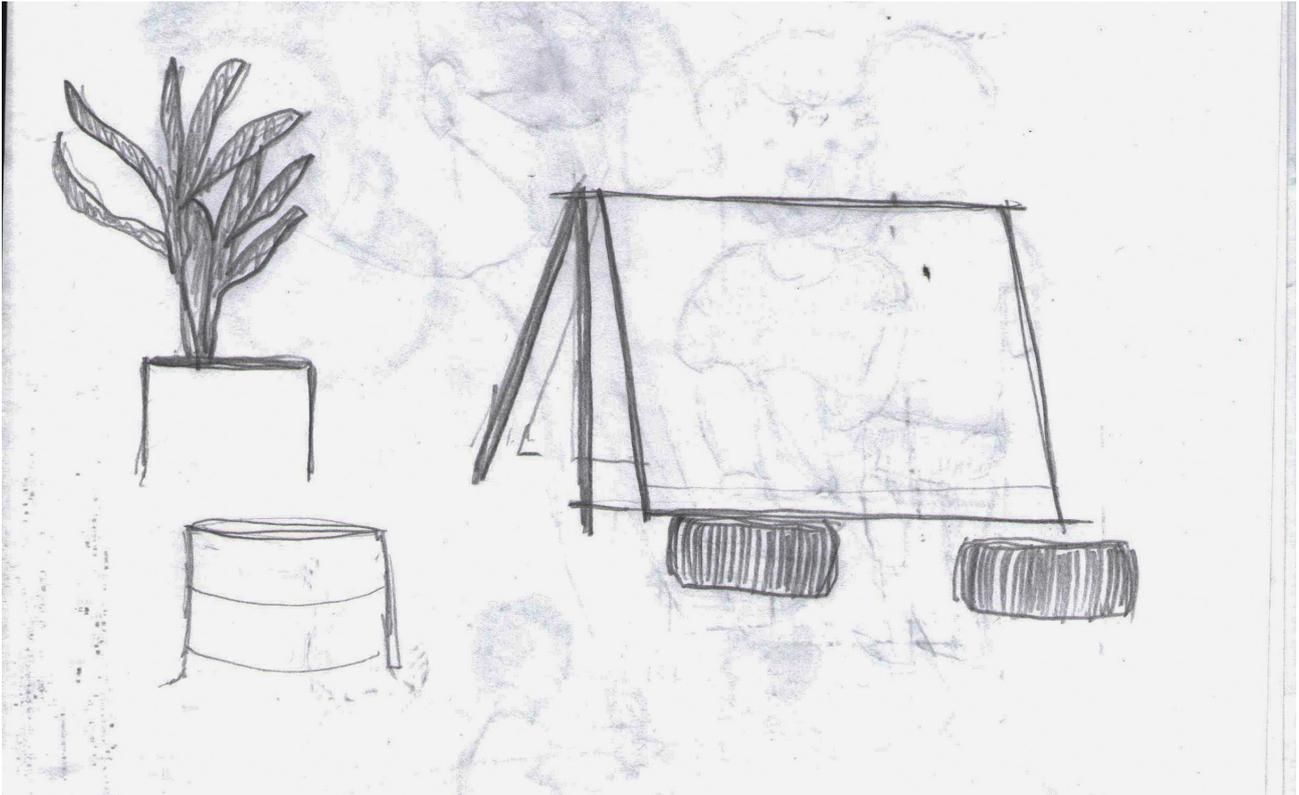
(BACHELARD, 1978, p.198)

Foi preciso admitir que minha experiência pessoal em ter vivido sozinho por alguns anos em uma casa - e como essa experiência de absoluto contato com minhas próprias inquietações, medos e desejos contribuiu para o reconhecimento da importância de habitar esses espaços para a constituição de uma identidade.

A esse aspecto um duplo sentimento me atrai para o tema, sua potência em relação a criar ambientes carregados de imaginação e por outro, o respeito de se resguardar esses lugares de intimidade e segurança.

Nas duas ocasiões em que estive na casa Ubá, houveram momentos em que cabanas estavam montadas e no interior delas algumas crianças habitavam em seu interior.

Em uma delas ocorreu, quando cheguei, a leitura de livro por uma educadora e num outro dia algumas meninas e um menino estavam no interior de uma delas, elas e ele brincavam de bonecas.



Dentro e na entrada da cabana havia caixotes de madeira e dentro deles tecidos de cores variadas, elas seguravam e compartilhavam cuidados com as bonecas e pareciam tentar vesti-las ou enrolá-las nesses panos.

Uma situação que me pareceu um pouco delicada ao observar essa brincadeira foi como estabelecer a exata medida entre observar o que ocorria no interior desses lugares e preservar a intimidade daqueles que brincavam em seu interior de modo a não ser invasivo.

Sobre o conceito da intimidade, SAURA e MEIRELLES, explicam:

“A brincadeira da casinha, esse espaço da intimidade, de encontro com o primordial gesto de dar contorno a si e ao mundo, está em todos os cantos, e digo cantos não somente no sentido de lugar geográfico e regional, mas em cantos fechados, em espaços reclusos onde poucos cabem. O gesto é para si, para o isolamento, para ouvir a íntima voz de dentro e, consequentemente, do ser humano. Aqui o silêncio interno e externo comungam em uma força impulsionadora de escuta de princípios. A brincadeira começa com a organização espacial, limpando o terreno, arrumando o local aonde se erguerá seu mundo digno de ser habitado.

(SAURA, MEIRELLES. 2015, p.10)

Ao refletir sobre esse aspecto da intimidade, em relação a essa brincadeira específica, percebo que minha observação ocorreu de maneira distanciada e inaudível sobre as conversas que ocorriam no interior daqueles espaços.

A esta consideração pelo abrigo que buscamos ao eleger um espaço de segurança que nos permita vivenciar momentos de solidão e exercer o direito à individualidade e a imaginação,

acredito que naquele momento limitei-me a uma observação parcial e distanciada. E que posteriormente acredito também corresponderam a alguns limites éticos que a pesquisa me mostrou.

Com os ninhos e com as conchas, multiplicamos, sob pena de abusar da paciência do leitor, as imagens que acreditamos ilustrar, sob formas elementares, talvez imaginadas demasiadamente a distância, a função de habitar. Sentimos que existe nesse ponto um problema misto de imaginação e de observação. O estudo positivo dos espaços biológicos não é, efetivamente, nosso problema. Queremos simplesmente mostrar que desde que a vida se abriga, se protege, se cobre, se esconde, a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido. A imaginação vive a proteção, em todos os matizes de segurança, desde a vida existente nas conchas mais materiais até as dissimulações mais sutis que existem no simples mimetismo das superfícies.

(BACHELARD, 1978, p.129)

4) Imprimir-se no espaço

O quarto tema observado nos trabalhos de campo realizados, foi em relação à expressão gráfica de Timtim, que durante a observação de campo número 5, desenhou durante um bom tempo suas garatujas nas paredes da casa onde mora.



Sobre esta ação, existiria uma possibilidade de investigar sobre sua atividade imaginária que poderia ser percebida a partir dos seus desenhos, como escreve DERDYK, sobre o desenho da criança:

A criança enquanto desenha canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

(DERDICK, 1989, p.19)

Neste dia de observação de campo, o procedimento de registro foi um pouco diferente em termos de métricas, controle do tempo e anotações.

Meu objetivo, além de observar Timtim, também foi o de cuidar e acompanhá-lo durante aproximadamente uma hora enquanto o pai, André, dava uma de suas últimas aulas de recuperação na escola em que trabalha.

Não estava munido do meu caderno de anotações, fiz principalmente registros fotográficos e poucos vídeos com o celular pois uma das preocupações era estar presente nesta dupla função, entre observar e cuidar dele ao mesmo tempo.

Outra característica surpreendente desse encontro foram alguns limites que me deparei em relação à comunicação e à compreensão do que Timtim dizia e desenhava durante a nossa convivência.

Como Timtim estava numa fase de reproduzir partes de sílabas e sons que compõem as palavras que nomeiam seu mundo, percebi o quanto foi difícil compreendê-lo sem a "tradução" da mãe e do pai, mais habituados com o universo de coisas e situações que o rodeiam, e provavelmente suas fontes e principais interlocutores sobre os símbolos culturais do mundo.

Sobre esse referencial cultural que antecede e alicerça a linguagem, e também a imaginação diz Vygotsky:

Qualquer imagem mental, por mais fantástica que seja, encerra sinais da realidade externa. Os traços da imaginação fundam-se nas experiências precoces do homem: a primeira forma de ligação entre a imaginação e a realidade faz-se a partir das primeiras experiências do sujeito com o «outro». É neste espaço entre a realidade interna e externa, espaço potencial de desenvolvimento, que a imaginação tem lugar.

(VYGOTSKY, 2012, p.14)

Neste campo, pensei sobre minha intencionalidade e certo direcionamento objetivo para a observação. E o quanto a experiência direta com o que ocorre a cada momento para esta criança

me escapa. E que eu tentava capturar, processar e de alguma forma refletir sobre.

Por outro lado evidenciava algo que suspeitava, a fragilidade em tentar abarcar algo tão intangível e por vezes indecifrável sobre o que a criança poderia estar imaginando, e que muitas vezes podia não ser comunicado.

O exercício que me impliquei foi tentar capturar algum indício, mesmo que a princípio incompreensível, de algum sinal de sua imaginação que pudesse ser manifestado pelo gesto, a partir dos rastros e riscos que pudessem me orientar na busca de um sentido, a fim de conseguir adentrar neste universo de incompreensão, entre emaranhados de rabiscos.

Ao compartilhar esta angústia sobre o incompreensível, lembro da sua sugestão da minha orientadora Soraia, sobre assistir ao documentário “Professor Polvo” (ref)... e assim me identifiquei com o mergulhador/pesquisador em sua busca por algum rastro de um polvo em meio à amplitude do oceano.

À essa angústia somou-se as reflexões sobre alguns ensinamentos da professora Adriana Friedmann, que pareceu preconizar alguns dos sentimentos que a disposição para a escuta das crianças nos proporciona:

“Escuta”, do latim auscultare, significa “ouvir com atenção”. Escuta é presença, vínculo, conexão, respeito. Mergulho no mundo do outro: não só em sua fala, mas no olhar, no gesto, no tom, nas emoções alheias que podem nos tocar. Escutar é estar plenamente presente. Acolher o momento do outro. Adentrar a paisagem do outro, conhecer e reconhecer o outro em sua singularidade, em seu momento e em seu tempo. Escutar é doar-se, entregar-se ao outro. ...

.... A escuta pode trazer descobertas, alegrias, aprendizagens, emoções inesperadas, insights, possibilidades de transformação. E incômodos: silêncios, o não saber, espera, brechas, estranhamentos, desconfortos.”

(FRIEDMANN, 2020, p.131)

No entanto durante o processo de pesquisa, encontrei algumas “cartas náuticas”, ou referenciais teóricos que contribuíram para uma contextualização sobre as etapas do desenvolvimento do desenho infantil, que serviram de base para pensar as garatujas de Timtim a partir da teoria de Brittain e Lowenfeld:

Esta nova etapa é de grande interesse no desenvolvimento das crianças. Representa o ponto em que elas começam a dar nome às suas garatujas. Talvez o menino diga: “Esta é mamãe”, ou “Este sou eu correndo”. Contudo, no desenho, não são reconhecíveis nem ele nem a mãe. Esta atribuição de nomes às garatujas é de grande significado, pois indica uma transformação no pensamento da criança. Antes deste estágio, ela estava satisfeita com os

movimentos, mas agora, passou a ligar esses movimentos com o mundo a sua volta. Transferiu-se do pensamento cinestésico para o pensamento imaginativo.

(BRITAIN; LOWENFELD, 1970, p. 123).

Ao acompanhar esse momento de observação, de companhia e cuidado, fui presenteado com uma pequena surpresa dessa experiência, como um pequeno “rastro do polvo” como no documentário. Mas no caso de Timtim, apresentou-se o rastro de um “macaco”.

Em determinado momento depois de desenhar, Timtim pronunciou os sons Ma... Ma... depois pousou o giz no chão, se ergueu, levantou a mão direita, colocou sobre a cabeça e com a esquerda levou a barriga, imitando um ma... ma.. caco.

Que apenas depois de um tempo iria reconhecer ao visitar o quarto dele, e assim conhecer pequenos cards onde em uma das faces havia a representação de alguns animais. Entre eles o macaco que ele havia desenhado.

Conectando, de forma pontual, essas duas extremidades de experiências diversas. Em uma ponta uma imagem sendo impressa no espaço e na outra um observador em busca de um sentido para aquela observação.

Considerações finais:

A esse conjunto de experiências observadas, foi possível conhecer e aprofundar alguns aspectos do desenvolvimento infantil. Como a constatação do desenvolvimento da autonomia, da linguagem, do desenvolvimento expressivo e de aspectos relacionados ao cuidado com o outro, dentro de um contexto familiar como do pequeno Benjamim.

Através da pesquisa também foi possível perceber como as diferentes materialidades, a exemplo da água, areia, sol, calor e da lama, puderam servir de veículo para uma fruição de sensações corporais. Mais do que isso, essa materialidade parece mesmo dar subsídios para o desenvolvimento da imaginação das crianças durante a suas investigações e do seu livre brincar. Foi interessante perceber isso a partir da experiência, qual seja, às oportunidades de estar presente junto às crianças para a realização destes trabalhos de campo.

Outro aspecto importante a ressaltar do estudo foi o contato com textos fundamentais relacionados a correntes do pensamento fenomenológico, da imaginação e do desenvolvimento do desenho das crianças.

Entre as muitas possibilidades de desdobramento desta pesquisa, acredito que o contexto social, político e ambiental da atualidade exige uma reflexão profunda sobre a importância da relação sensível das novas gerações com o meio ambiente. Não de um meio ambiente externo e conceitual, mas de um meio ambiente vivido e experienciado no corpo, porque também parte de nossa natureza corpórea.

Nesse sentido, a pesquisa aponta a duas direções diversas, porém complementares.

A primeira, dirigida à externalidade do corpo, como a materialidade que constitui o mundo em seus diferentes elementos, pode nos oferecer caminhos para uma relação integral e harmoniosa

com o planeta em que vivemos.

E uma segunda direção, em relação à interioridade, como o manuseio dessas matérias poderia nos conduzir a fluxos e fruições que nos possibilitasse uma experiência estética de elaborações diversas, nos propiciando tempos de contemplação, criação e imaginação de futuros possíveis. Por fim, gostaria de falar de um atravessamento que se apresentou a mim, em relação a este fenômeno. O principal deles é o entrecruzamento de memórias e sensações de minha infância - dos meus devaneios de solidão - encontrados no brincar das crianças de hoje, indicando como esse brincar íntimo, passível de ser observado, é estruturante para as crianças.

Bibliografia:

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)
- BARROS, Manoel. Arranjos para assobio. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel. Meu quintal é maior que o mundo. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia?. 8 ed. São Paulo: Centauro editora, 2003
- FONTELA, Orides. Poesia Reunida [1969 – 1996] São Paulo: Cosac Naify: Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- FLUSSER, V. «A escrita. Há futuro para a escrita?» São Paulo: Annablume, 2010.
- FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2020.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In Educação e Realidade. V.28, n.2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- LARROSA, Jorge. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In Educação e Realidade. V.29, n.1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- FERNANDES, Renata S., PARK, Margareth, B. (org.). Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- SAURA, Soraia C., MEIRELLES, Renata. Brincantes e goleiros. (Ano)
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Imaginação e criatividade na infância: Ensaio de psicologia. Tradução João Pedro Fróis. Lisboa: Dinalivro, 2012.
- ZIMMERMANN, ANA ; SAURA, SORAIA . Les savoirs oubliés : corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines. Recherches & Éducatons, v. HS, p. 1-10, 2020.

Audiovisual

MY OCTOPUS teacher. Direção: James Reed, Pippa Ehrlich. Produção: Craig Foster. Netflix. 2020. Streaming

Links

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Biografia de Donald Woods Winnicott. . Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/donald-woods-winnicott/> Acesso em: 15 de maio de 2020.

Anexo 1

Observações de campo

São Paulo, 8 de outubro de 2020

Vila Ipojuca. Casa da Reca, Bevi e Tintim.

14:13 – Inicia se minha primeira atividade de observação do Benjamim, que chamarei de Tintim, ele tem (um ano e meio?), mora com a mãe que se chama Renata, com o pai que se chama André e com um cachorro preto de tamanho médio que se chama Tunico.

A casa fica no bairro da Vila Ipojuca, zona oeste de São Paulo, é uma casa de tijolinhos, na parte externa da casa existem muitas plantas, trepadeiras, primavera, manacá, árvores frutíferas como goiabeira, bananeiras e uma horta com hortelãs, alecrins, alface, entre outras.

Parte do chão da área externa é de cimento e em outras revestido de cacos de cerâmica vermelha, a casa tem dois lances de escada, sendo a frente a parte mais baixa e nos fundos a parte mais alta onde fica uma área com terra, grama, um jardim com plantas, ninhos de pássaros e a compostagem dos resíduos orgânicos.

Sorvete com o “Ne”

Tintim veste fralda reutilizável estampada cor verde bermuda de tecido leve e sintético de cor laranja, ele está sem camiseta. E no momento em que inicio minha atividade de observação, ele havia terminado de almoçar e o pai, havia terminado de preparar um sorvete de creme com mamão papaia. Com uma colher de chá com cabo de madeira, Tintim come o sorvete e também oferece ou dá de comer ao pequeno urso de estimação de pelúcia de uns 30 centímetros de altura, cinza, marrom e azul que está a sua frente, sobre a mesa de madeira. O urso se chama Sidnei, cujo nome é em homenagem do amigo da família que presenteou Tintim, que por sua vez o chama de “Ne”.

Tintim alterna entre se servir e dar de comer o sorvete para o Sidnei, por vezes parte do sorvete cai sobre a barriga da criança que prontamente passa a colher para recolher o que havia caído e retorna a boca o doce que parece estar saboreando.

Descendo e subindo

Ao término do sorvete, Tintim desce da cadeira de alimentação de frente para ela, apoiando seu corpo sobre o assento e esticando as perninhas para tocar o solo, ele leva com ele seu companheiro Sidnei, para a área da sala, lugar conjugado a cozinha, ambiente dividido por um balcão, ao lado deste um sofá de tecido azul, com almofadas largas que batem a altura do peito da criança.

Tintim se lança em outro movimento sobre o sofá, agora o desafio é escala lo, ele tenta, mais de uma vez, inicia um som lamurioso, como se antecipasse um choro, seu pai Andre, diz ao filho: - Vamos lá, você já sabe subir... Quer uma ajuda?

Andada, bo, olhar pelo tubo

Ao termino do almoço, Tintim caminha entre a sala, cozinha e o pátio externo, na saída da cozinha, neste lugar que antecede a escada que leva para o gramado da casa nos fundos, é um lugar

amplo e cimentado, local para estender as roupas, reunir as pessoas e o espaço em que alguns brinquedos estão à disposição da criança e do cachorro, Tunico. Entre os brinquedos que Timtim se interessa estão três bolas de borracha, que ele chama por “Bo”, ele pega as coloca na boca, bate a mão contra elas, como se batesse palmas, solta numa bacia de plástico azul e depois volta a jogar as ao chão, em algum momento ele sai da cozinha e volta ao pátio carregando um rolo de papelão, daqueles em que as folhas de papel toalha são enroladas. Estou sentado numa cadeira baixa de praia de frente para porta da cozinha, ele me tras o rolo, direciona o para os meus olhos, enquanto nos observamos, olho no olho, pela outra extremidade do cano, ele sorri e vai embora.

Hora da história

Agora na sala, Andre, Timtim e Sidnei estão sentados no sofá azul, estou em outra cadeira de praia, semelhante a que estava sentado no pátio, mas agora na sala, sentado na posição oposta ao sofá, a esquerda deles um pouco afastado.

Andre está sentado à direita de Timtim, que está à direita de Sidnei. Acima da cabeça deles uma luz suave ilumina o ambiente acolhedor em que se desenvolverá uma história.

Não me recordo se o livro já estava no sofá ou foi escolhido pelo Benjamim que é quem costuma escolher os livros a serem lidos com ele.

Sei que naquele momento eles iniciaram a leitura de um livro estreito, de capa branca com o nome “Mas papai...”

Andre, segurava o livro com sua mão direita enquanto com o braço esquerdo abraçava o filho e com a mão esquerda folheava as páginas, Timtim por sua vez segurava o “Ne” com as mãos em outros momentos “assentava” o urso ao seu lado como se incluísse o companheiro na atividade. Durante a leitura em voz alta, Timtim permaneceu atento a história e com o olhar concentrado no livro. E durante esse momento, passei a inferir algo que estava além da cena descrita acima, pensei sobre a história que se passava do livro diante deles e como a representação da paternidade se expressa-se na posição de seus corpos, como uma espécie de encenação desses papéis, em que Andre lê para seu filho abraçando o, assim como Timtim o faz com Sidnei.

A história do livro de capa branca termina, Timtim desce do sofá, pega o Sidnei e os leva para seu quarto para guardar o livro e escolher outro, Andre fala para o filho deixar o Sidnei no sofá mas ele o leva consigo mesmo assim.

Timtim retorna a sala com outro livro, agora o título escolhido é Quando Mamãe virou monstro, se não estou enganado a história conta sobre uma mãe que ao ver a casa bagunçada e sobrecarregada pelos serviços domésticos, começa a se transformar num monstro.

Ainda motivado pela associação entre texto e contexto da cena que anterior que observava, o exercício de campo da minha observação era invadido pelo “contracampo” do ambiente que me convidava a continuar a brincadeira de misturar realidade e imaginação ao associar o que eu observava e o que poderia estar ocorrendo no livro. Naquele momento não pude deixar de notar que a mãe de Timtim, A Renata, estava lavando a louça o almoço enquanto no livro uma situação semelhante poderia estar acontecendo, porém diferente da personagem do livro, Renata não aparentava estar aborrecida ou sobrecarregada, pelo menos não naquele momento.

Durante a leitura, Benjamim reconhecia a figura da mãe e quando ela aparecia ela dizia “Mamãe”.

Ao fim da História, Tintim desceu do sofá, levou Sidnei e procurou a mãe real, que estava na cozinha, terminando de enxaguar os talheres, ela estava vestida com vestido branco com grafismos verdes e com o cabelo preso.

Quando terminou, Renata veio se sentar no sofá no canto esquerdo, enquanto o pai deitou no sofá, esticou as pernas e dormiu.

Tintim, deitou o Sidnei no sofá, buscou um tecido branco que estava no quarto dos pais para cobrir o urso que também começara a dormir.

Benjamim, cobria e descobria, nanava o urso e o acordava... Renata, que é psicóloga, me diz que o Sidnei é um objeto de transição e me explica que segundo Winnicot, o urso Sidnei seria um mediador na relação entre mãe e filho, o mundo interno e o mundo externo, um objeto que serviria para dar suporte a criança na ausência da mãe.

Controle remoto

Sobre o sofá estava o controle remoto da tv, Tintim pega o controle e começa a brincar de telefone celular, ele de início conversa com sua mãe que segura um outro aparelho, ele conversa com a avó e com o avô, reproduzindo com a ajuda da mãe coisas que ele havia feito pronunciando as últimas sílabas das ações e lugares por onde havia passado.

Ele caminha pela sala segurando o "telefone", depois abandona o brinquedo e vai para fora da casa, junto com a mãe, ambos sentam se na escada.

Venta suavemente e o chão está levemente molhado pela breve chuva que havia caído e pétalas e folhas da primavera estão espalhadas pelo chão, num canto, perto da porta da entrada da cozinha havia uma cadeira e sobre ela um pote plástico guardava a ração do cachorro Tunico. Ao esbarrar na cadeira, o pote cai no chão, Tintim se assusta mas não chora, a mãe dá um beijinho no seu ombro e começa uma nova brincadeira.

Num momento seguinte a mãe começa a cantar a música da piaba, ele já conhece a coreografia da canção, depois dessa a música do caranguejo ele começa a ficar entusiasmado porém diz não, palavra que ele usa de forma recorrente e constante.

Ele dá uma mordiscada no ombro da mãe, que prontamente diz que não pode, logo depois ele dá um beijinho em sinal de reconciliação e aprendizado

No quarto (15:03)

No quarto do Tintim as paredes são brancas, existe um sofá cama baixo e sem pés de cor azul turquesa, o chão é de madeira e sobre ele um tapete branco e vermelho. O armário e a cômoda são brancos, existe uma janela cujo vidro está quebrado e consertado com um pedaço de papel colorido. Do teto pendem um móvel, próximo a janela um móvel baixo guarda os livros infantis e alguns brinquedos.

Com alguns carrinhos de madeira sobre o sofá ele começa a movimentá-los e fazer o barulho dos carros com a boca, duas bonecas também sobre o sofá também participam da brincadeira, uma arco de madeira serve como "ponte" para os veículos, depois a ponte vira uma cavalo, ele lança o

cavalo sobre o sofá e ri.

Ele pega um cesto de tecido grosso e entra dentro, cai desequilibrado sobre o tapete e uma nova brincadeira se inicia, a mãe começa a cantar a música balanço caixão, a música ele também já conhecia mas segundo a Renata eles nunca haviam brincado disso no cesto, em alguns momentos ele se esconde dentro do cesto entrando com a cabeça. Em determinado momento brincando com a instabilidade do cesto ele se desequilibra para trás, cai e bate a cabeça no piso de madeira e ecoa um barulho, ele ameaça chorar se aproxima da mãe, ela diz que não foi nada e eles voltam a brincar o desequilibrar e a atenção / tensão da mãe dá prazer a ambos.

15:15 Fim.

Anexo 2

13/11/2020 Observação do Timtim II

19:20 – Timtim janta macarrão parafuso, tomate picado, cenoura, frango picado, com a mão direita segura o garfo de cabo verde com 4 dentes.

19:30 – O pai começa a cortar uma cebola e ele se interessa em cortar a cebola, ele começa a se incomodar com a cebola em seus olhos.

19:36 – A tia Gabi chega na mesa.

19:37 – Ele bebe água num copo azul e faz timtim com a tia Ju que bebe cerveja num copo de vidro.

19:38 – Ele joga água no chão junto com o copo.

19:39 – Tia Ju diz que não pode, logo depois desce do cadeirão, pega um pano e seca a água do chão, depois passa o pano na parede

19:40 – Ele termina de comer. Na casa estamos em 7 adultos e apenas o Timtim de criança.

19:43 – Ele começa a brincar de “pega pega” com a tia Ana.

19:45 – Tia Bru, começa uma brincadeira de abraço duplo com a tia Ju.

19:46 – Ele volta ao cadeirão para comer uma maçã, ele a segura com as duas mãos. A mãe lembra ele de mastigar, ela ensina sobre as partes mais fáceis para mastigar. Ele pede para tirar o cabinho da maçã.

19:48 – Tia Bru ensina que a maçã fica pendurada pelo cabinho, ele aponta para árvore enquanto masca a maçã de boca aberta.

19:53 – Tia Bru mostra pelo celular algumas fotos de crianças com quem Timtim convive no espaço que frequenta que se chama Ubá, ele reconhece quem são as crianças e a medida que as reconhece cita alguma sílaba dos nomes das crianças colocar a camiseta

19:54 – Ele já comeu metade da maçã.

19:56 Ele bebe água e molha a camiseta, ele pede para tia Bru tirar a camiseta dele, ele começa a colocar a camiseta.

19:59 – Ele espirra mas ainda não consegue colocar a camiseta no pescoço juntando as duas mãos em frente ao rosto.

20:05 – Ele começa a brincar com a tia Ju de mostrar a língua, mexer no rosto, ambos tocam seus rostos.

20:06 – Eles (Ju, Timtim e Bru) começam a bater as mãos na mesa e cantar o nome das pessoas que estão presentes.

20:08 – Timtim joga a maçã no chão, Tia Bru e a tia Ju pedem que ele pegue a maçã, ele desce do cadeirão, pega a maçã e devolve para Tia Bru, pega a camiseta cinza que estava vestindo e também estava no chão.

20:14 – Tia Bru, tia Ju, Tia Gabi e Timtim fazem uma roda e dançam em círculo, ele balança a cabeça, observa as tias dançando.

20:16 – Ele com as mãos dadas com elas, pede para elas descerem, no refrão da música, um pagode “Pé na areia, água de côco, cervejinha...” eles levantam as mãos

20:18 – Termina a música, tia Bru e Ju brincam de balançar caixão com Timtim nas mãos delas que em seguida lançam ele sobre o sofá.

20:19 – Tia Ju pega ele no colo e lança ele no sofá e ele se diverte muito.

A brincadeira de balanço recomeça, ele cede a cabeça e a deixa pênsil, o cabelo balança com o pescoço balançando e a cada vez que é lançado no sofá dá muitas risadas.

20:23 – Fim.

Anexo 3

Observação de campo 3.

24/11/20. Casa Ubá. Vila Madalena. 9:30 da manhã

Entro na casa, sou recebido pela Bruna uma das educadoras e uma das sócias da Casa, ela mede minha temperatura com um termômetro digital de pistola, tiro meus calçados próximo a entrada da casa, numa espécie de hall de entrada coberto de uma casa térrea adaptada para a estatura e uso das crianças de 1 a 6 anos que frequentam o espaço. Sou convidado a entrar na casa para lavar minhas mãos.

Na sala ampla tem as paredes abertas e duas grandes janelas, o piso é de tacos de madeira.

A pia de inox do banheiro tem três torneiras lado a lado, são baixas para mim, talvez com menos de 1 metro de altura, me curvo para ensaboar e enxaguar as mãos. Há muito tempo já havia visitado a casa e percebo que além do banheiro que estava diferente a reforma na casa, que teve seu espaço externo ampliado ao derrubar o muro lateral e se juntar ao terreno vizinho que sem possuir construção propiciou um espaço externo amplo como um grande quintal.

Desço por uma rampa pela frente da casa para chegar ao novo quintal, é um lugar amplo cujo terreno está parte plano e na extremidade com declive, o chão tem partes de terra batida, grama, algumas árvores, alguns tambores de metal enterrados na terra e logo que desço a rampa já avisto cerca de 5 crianças dentro de uma cabana de tecido com estrutura de bambus e uma educadora adulta que as acompanha.

Caminho até a lateral do terreno em que o declive é acentuado, assim poderia me locomover abaixo do nível em que estavam, tinha a intenção de não ser percebido, não queria interferir na

rotina e no que as crianças estavam fazendo.

Percorro toda lateral do terreno, observo as crianças e me posiciono no fundo quintal, um pouco afastado de início, sento num banco de madeira baixo que parece uma prancha sobre o grama-do.

Na parte plana deste quintal há um tanque de areia em formato do número oito, em que duas circunferências se tocam e no interior desta forma abriga o tanque de areia. Na parte menor deste círculo um escorregador de madeira liga o tanque a parte da casa construída que está numa posição mais alta.

Algumas crianças brincam na areia, outros três meninos que parecem mais velhos que as demais crianças, correm de um lado para outro desta área externa, eles formam um grupo e um deles que parece ser o líder da brincadeira corre segurando um balão (no segundo dia conheci seus nomes, Rodrigo, Santiago e Marcelo).

Em toda lateral desse terreno, paralelo ao declive, está instalada uma ponte pênsil em que troncos de madeira suspensos por cordas servem apoio para que as crianças façam a travessia, alguns percorrem com autonomia o percurso outras crianças seguem acompanhadas pelo lado de fora das cordas por uma das educadoras.

No tanque de areia percebo que dois meninos usam máscaras assim como outra menina. Uma bacia de metal é colocada na areia e com uma mangueira que está próxima a preenche com água, 3 meninos brincam nela e se revezam entre a bacia e um caixote de ripas de madeira que também está bem próximo.

O caixote está virado, com o fundo para cima e sobre ele uma frigideira pequena de metal preto repousa sobre a madeira, dentro dela areia molhada.

Dois meninos brincam de fazer bolinhos de areia e água, colocam na frigideira e depois voltam a lançar os bolinhos ao chão.

Uma criança, chamada Manuel, de aproximadamente pouco mais de 1 ano, tem em sua mão direita um gorila de plástico na mão esquerda um canudo de papelão pardo, daqueles semelhantes ao que encontramos no fim do rolo de papel toalha, ele olha dentro do canudo, tenta unir o gorila ao canudo, ele para, me olha atendo e se afasta, caminha até o banco baixo onde eu iniciei meu exercício de observação.

Manuel, caminha sozinho até a prancha de madeira, carregando o gorila e o canudo, depois de alguns minutos sobre até o tanque de areia para próximo das outras crianças.

Nesse momento uma primeira inquietação me perturba. Não consigo entender, classificar o que aconteceu naquele momento. Me surgem questões. O que ele pensa em silêncio? Quais as relações que estabelece entre objetos de universos tão diferentes? Porque caminhou até o banco? Em outro canto do tanque de areia uma das Educadoras sentada numa das bordas do tanque conversa com algumas crianças, pelo pouco que escuto da brincadeira, ela parece estar grávida de um dinossauro, uma das crianças brinca de dar uma injeção no braço dela.

Agora próximo aquele mesmo caixote de madeira sobre a areia, outras crianças brincam de fazer um bolo de areia com outra educadora, a Bruna que me recepcionou, Nena, Sasá e Timtim são as crianças que estão com ela, depois de fazer o bolo elas começam a cantar parabéns com o bolo de areia disposto no chão.

lam, Sam e Samuel parecem ser os mais velhos, brincam de jogar objetos com água sobre o fundo de um tambor de metal pintado cuja boca está enterrada na terra, o choque dos objetos com o fundo de metal faz um som, eles colocam a mão sobre o fundo do tambor que está quente pelo sol.

10:05 - Conto o número de crianças e ao todo 13 delas brincam simultaneamente e 4 educadoras se revezam em acompanhar esse momento de brincadeira.

10:13 - Numa outra extremidade do tanque de areia existe uma pia e um armário de madeira, nessa torneira existe uma mangueira conectada, algumas bacias são dispostas no chão com água e sabão, com pedaços de barbante e objetos de plástico com orifícios são utilizados pelas crianças e educadoras para brincam de fazer bolhas de sabão, eles e elas se molham mas nem todos gostam da água que é esparramada.

10:20 - Enquanto brincam alguns comem bananas em pedaços.

Sasá, uma menina de aproximadamente 2 anos brinca sozinha sentada na areia numa das mãos um copo na outra uma marionete de plástico com cabeça de dinossauro, ela mexe na areia como fazendo comida para o dinossauro, ela alimenta o dinossauro com uma das mãos enquanto veste o personagem do dinossauro com a outra, consigo ouvir algo que ela diz para uma educadora que se aproximou dela: que ele (o dinossauro) bebe muito e faz muito xixi.

10:30 - A Bruna, toca um vibrafone pequeno, pelo horário imagino que seja a hora do lanche. Inicia se uma arrumação dos brinquedos, utensílios, bacias e objetos. As panelas são lavadas com o esguicho da mangueira, a mesa é limpa com um pano.

Juan uma das crianças que brincava na areia fala: " ta na hora de guardar"

As mesas são dispostas e espaçadas numa área sombreada que é projetada por uma lona verde suspensa por cabos de aço presos numa parede extremidade da casa e no muro que divide o terreno do quintal da casa vizinha.

As crianças são incentivadas a ajudar a organizar os brinquedos; as cadeiras são dispostas perto das mesas.

Juan gosta de apertar o esguicho para limpar as pазinhas

Num outro canto, próximo a grade do guarda corpo de uma das rampas, alguns espelhos estão pendurados na grade, Timtim, aquele menino que observei nos duas primeiras observações de campo se reconhece refletido e se observa.

Sobre as mesas, toalhas claras com motivos coloridos de cozinha cobrem as mesas que anteriormente serviram para apoiar os papeis para as pinturas das crianças.

lam, aquele mesmo menino que corria por toda área externa do quintal junto com dois amigos e que no momento da minha chegada tinha um balão em suas mãos, pega um regador para limpá-lo.

As crianças sentadas nas cadeiras e divididas pelo conjunto das mesas comem maçãs e pedaços de melão.

Eu vou embora sem me despedir das crianças nem das educadoras tentando não interferir na rotina da casa.

Anexo 4.

Observação de campo 4.

26/11/20

Casa Ubá. Vila Madalena. 9:45 da manhã

9:45 – Ao entrar repetimos o protocolo de segurança de aferir a temperatura, tirar os sapatos e lavar as mãos. Desci a rampa frontal da casa para chegar ao quintal.

Na última observação de campo achei estranho não cumprimentar nem me despedir das crianças e das educadoras e assim na minha chegada tratei de cumprimentar ou ao menos acenar para as pessoas.

Logo ao chegar avistei alguns meninos que brincavam no chão que fora molhado antes da minha chegada, a terra batida havia virado lama. Uma das crianças (Marcelo) segurava uma onça de plástico, as crianças estavam descalças, uns vestiam shorts, outras fraldas, cuecas, calcinhas e biquínis.

Eles e elas pisoteavam a lama e uma delas apoiava-se sobre uma onça de plástico de aproximadamente 20 cm de altura.

O dia estava quente e ensolarado, no quintal existiam tecidos, cangas e esteiras estendidas no chão.

Juan, uma das crianças, e uma educadora estavam no tanque de areia. Sobre um caixote de madeira havia uma bacia de metal e dentro dela eles brincavam de cozinhar aranhas, baratas, bico de tucano, casco de cavalo, etc.

Na brincadeira a educadora parecia interpretar uma bruxa, ela havia sido convidada para entrar naquela casa imaginária onde eles estavam. Manuel e Sasá também participavam da brincadeira. Juan brincava de enganar a convidada Bruxa alternando os ingredientes da sopa que ora agrada ao paladar da convidada ora causavam repulsa, dizendo ele que as vezes era verdade outras vezes mentira.

Dentro de uma cabana 4 crianças brincavam com algumas bonecas, uma outra educadora participava da brincadeira, ela está sentada na entrada da cabana que fora montada numa extremidade do quintal e dentro dela havia uma planta do próprio jardim. Dentro ainda haviam três caixotes de madeira com tecidos e algumas bonecas enroladas por eles.

Numa outra extremidade do terreno, próximo a rampa frontal da casa, três bacias grandes de metal foram preenchidas com água e um menino (acho que se chamava Santiago) que estava sozinho perto delas gritou para os amigos:

- Cadê vocês? (os amigos, que eram o Marcelo e o Rodrigo, estavam brincando em outro lugar)

Dois outros meninos se aproximaram das bacias e da terra molhada, um deles estava carregando a onça o outro um gorila, eles brincavam sobre a lama, conduziam os animais perto do chão colocando a boca dos animais junto a terra para que eles comessem, depois levavam até as bacias com água para lavá-los, arremessavam os animais violentamente contra a água.

A combinação dos animais e o ambiente enlameado parece ter despertado algum aspecto selvagem na brincadeira e incendiado seus imaginários.

Em certo momento Gabriel, o irmão mais novo de Santiago, pegou o gorila que estava sendo manipulado pelo irmão, ele (Gabriel) o carregava em sua mão assim como o havia feito a dois

dias atrás quando eu o observei pela primeira vez com esse brinquedo.

No entanto, dessa vez ele parecia mais interessado e sentir os pés na lama do que brincar com o brinquedo que carregava.

Santiago pediu o Gorila e disse para Bruna, a educadora, que já estava brincando antes com o Gorila e gostaria que o Manuel o devolvesse, a educadora sugeriu a Gabriel um outro brinquedo, ele aceitou um dinossauro e devolveu o gorila para o irmão mais velho.

Santiago passou a arrastar o gorila contra a lama parecendo testar a sua própria força assim como a resistência daquele animal selvagem que tinha em mãos.

Enquanto isso, a onça manipulada por Marcelo, subia numa árvore junto com outros dois animais que se juntaram a ela, o dinossauro do Rodrigo e o gorila de Santiago

A onça saltava sobre as muretas da casa, pulava violentamente sobre uma das árvores da frente da casa... até que a educadora orientou que Marcelo tivesse cuidado pois aquela árvore era frágil. Marcelo passou a subir numa mureta e levava a onça até a máxima altura que ele podia alcançar para logo depois lança-la contra o chão.

Os animais conversavam entre si e pareciam disputar qual deles subia mais alto, qual tinha mais força, cada um buscando se sobressair em força, destreza e qualidades.

Em determinado momento ao coloca-los sobre a terra a luz do sol que incidiu sobre os brinquedos projetou suas próprias sombras no chão de terra batida. A educadora alertou as crianças do efeito e elas observaram, giraram os brinquedos e voltaram a disputa de qual dos animais teria a maior idade, o maior poder...

Rodrigo tem aproximadamente 4 anos, Marcelo e Santiago aproximadamente 3.

As 10:30 iniciou-se o processo de organização dos brinquedos, das mesas, cadeiras, etc.

Desta vez as crianças comiam laranjas, eu me dirigi a elas e as educadoras a certa distância, acenei com a mão e agradei por aquele momento.

Anexo 5

Observação de campo 5.

03/12/20. Casa do Timtim. Vila Ipojuca. 16:00 da tarde

Neste dia de observação de campo, o procedimento foi diferente em termos de métricas, controle do tempo e anotações.

Meu objetivo além de observar o Timtim também foi o de cuidar e acompanhá-lo durante aproximadamente uma hora enquanto o pai dele, André, dava uma de suas últimas aulas de recuperação na escola em que trabalha.

Não estava munido do meu caderno de anotação fiz principalmente registros fotográficos e poucos vídeos pois uma das preocupações era estar presente nesta dupla função de observar e cuidar dele.

Outra característica surpreendente desse encontro foram alguns limites que me deparei ao tentar decodificar o que Timtim dizia e desenhava durante a nossa brincadeira.

A nossa brincadeira consistia em ele desenhar garatujas e eu por minha vez, tentar pronunciar palavras que pudessem ter algum encontro entre o que ele desenhava e o que eu imaginava o

que aqueles traços poderiam representar.

Como Timtim está numa fase de reproduzir partes de sílabas e sons que compõem as palavras que nomeiam seu mundo, percebi o quanto foi difícil compreendê-lo sem a “tradução” da mãe e do pai, mais habituados com o universo de coisas e situações que o rodeiam e provavelmente a fonte e interlocutores de significados culturais do mundo adultos para ele.

Pensei sobre minha intencionalidade e certo direcionamento objetivo para meu exercício de campo e o quanto a experiência direta com o que ocorre a cada momento para esta criança me escapa dessa lente objetiva que tento capturar, processar e de alguma forma buscar alguma racionalidade.

Como exemplo o bater de um galho numa bolinha de borracha repetidamente. O que pensava? O que sentia? Seria uma conquista motora em conseguir repetir o movimento? Ou uma vibração dos materiais diferentes materiais que se afastam depois do choque?

Enfim, acho que nunca saberei ao certo e certamente me escapa da ideia de cercar um campo de observação e compreensão previamente estipulado.

Por outro lado evidencia algo que suspeitava, a incompletude e a fragilidade em tentar abarcar algo que é tangível, perceptível mas incomensurável... a imaginação.

O exercício foi literalmente tentar capturar algum indício desse incomensurável da imaginação, a partir dos rastros e riscos e como eu poderia continuar essa busca afim de conseguir adentrar neste universo.

Nesse ponto lembro da sua sugestão Soraia sobre assistir ao documentário “Professor Polvo”... me senti como o mergulhador em busca do rastro de um polvo em meio ao oceano.

Ao final desse tempo de observação, companhia e cuidado fui presenteado com uma pequena surpresa dentro dessa experiência, um pequeno rastro do polvo como no documentário. Mas neste caso foi o rastro de um macaco.

Em determinado momento depois de desenhar, Timtim pronuncia os sons Ma... Ma... depois pousa o giz no chão, se ergue, levanta a mão direita, coloca sobre a cabeça e com a esquerda leva a na barriga, imitando um ma... ma.. caco.